

Introdução

Lançada no ano de 1960, a antologia *Modernos Poetas do Amapá* é considerada um marco na história literária local porque se configura como a primeira coletânea de escritos poéticos organizada durante o período em que o Amapá era Território Federal (1943-1988). Em que pese a escassez de trabalhos críticos acerca da antologia *Modernos Poetas do Amapá*, é possível medir o impacto do lançamento dessa obra através da imprensa escrita nos jornais da época.

Em nível local, a notícia sobre a primeira antologia poética da literatura amapaense foi destaque na edição de 9 de outubro de 1960 do *Jornal Amapá* (principal veículo impresso de propaganda governamental, que se tornaria o *Diário Oficial do Estado*). Álvaro da Cunha, Ivo Torres, Alcy Araújo, Arthur Nery Marinho e Aluizio da Cunha são os poetas que fazem parte da referida antologia e dariam o rumo da literatura e das artes na Macapá “moderna” tão desejada na política de Janary Nunes, o primeiro governador do então Território Federal do Amapá.

Este estudo tem por objetivo analisar o impacto provocado pelo lançamento da obra *Modernos Poetas do Amapá* tanto no estabelecimento de critérios estéticos quanto na vida cultural da cidade de Macapá e no então Território Federal do Amapá, por extensão. Para tanto, os estudos de Lobato (2013), Candido (1997) e Canto (2017) servirão de base teórica para realizar o objetivo deste trabalho, já aqui apontado, a partir de uma abordagem própria da pesquisa bibliográfica e de fontes primárias.

Antecedentes: os anos a partir de meados dos anos 1940 e a década de 1950

Há uma espécie de movimento cultural no espaço amapaense que seria marcado pela atração de uma mão de obra especializada a fim de ocupar cargos públicos no recente Território Federal do Amapá. Esse movimento é profundamente estimulado durante o período entre 1944 e 1955, no governo de Janary Gentil Nunes. Estamos no final da Segunda Guerra

¹ Professor e pesquisador do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado acadêmico) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Mundial e surge a necessidade de o Brasil tomar posição mais clara em relação a uma nova ordem mundial a qual estabeleceria dois grandes blocos políticos que seriam divididos entre a ideologia capitalista e a socialista. Esse é o contexto da criação dos territórios federais pelo governo brasileiro, na pessoa de Getúlio Vargas, quem cria os Territórios Federais num decreto de dezembro de 1943. Assim Janary Nunes é indicado como governador do Amapá (Território Federal), diretamente pelo Presidente da República².

Esse é o contexto no qual se podem inserir as presenças de intelectuais e artistas que são atraídos de outros lugares ao Amapá pelo discurso esperançoso do governo territorial. Uma terra recentemente “descoberta” (o novo território amapaense) precisaria de um líder político e articulador hábil para a propaganda desenvolvimentista na qual o Amapá passaria a estar enredado. O discurso da terra das oportunidades em contraponto ao local do adoecimento e da morte (aprofundada pelo vazio demográfico de que padecia historicamente) faziam do território federal do Amapá um novo Eldorado na metade do século XX.

E assim foram atraídos os escritores paraenses Álvaro da Cunha, Aluizio da Cunha, Alcy Araújo e Arthur Nery Marinho, além do carioca Ivo Torres, dentre tantos outros para formarem uma geração de escritores burocratas que conseguiram ocupar postos na administração pública do território amapaense. É essa a geração que será responsável pelo surgimento de uma vida literária no Amapá organizada em torno de um discurso de valorização desse espaço e de suas potencialidades (Candido, 1997).

A capital Macapá, nesse contexto, acaba por ganhar novas configurações seja elas espaciais ou culturais que concorreriam para uma importante mudança na vida social da cidade, principalmente a partir da década de 1950, quando alguns órgãos são criados e permitem a divulgação de produtos culturais, incluindo os literários, para um público local, regional e até nacional. Assim, a década de 50 assiste à criação da Rádio Difusora de Macapá, da Academia Amapaense de Letras (iniciativas da gestão de Janary Nunes, por sinal) e da revista *Latitude Zero*, criada em 1952 por Álvaro da Cunha (poeta que estará na coletânea *Modernos Poetas do Amapá*), além de José Pereira Costa e Marcílio Viana.

² Janary Nunes tem uma longevidade na condução da vida política do Amapá. Para Sidney Lobato (2013), a explicação para o longo período de Janary Nunes como governador do Território Federal do Amapá (1944 a 1956, mas com mandatos intermitentes, sendo interrompido por duas ocasiões) pode ser encontrada em sua articulação estreita com grupos hegemônicos locais e nacionais, e na habilidade política em estabelecer conexões sociais as mais diversas que lhe garantiram apoio a essa governabilidade

Cinco anos depois, em 1957, surge a revista Rumos, que teve circulação nacional e colaboradores de vários lugares do Brasil, tornando-se o principal veículo de divulgação da produção cultural do Amapá ao restante do país e até ao Exterior.

Afinada com as novas referências artísticas daquele tempo, a revista Rumos conseguiu inserir a cultura produzida no Território Federal do Amapá no cenário nacional e internacional, como podemos perceber num artigo publicado no suplemento literário do jornal *Diário de Minas*, em outubro de 1958, onde se lê em referência à revista amapaense:

Encontramos suas raízes na Semana de Arte Moderna. [...] A sua vida constitui um resultado de descentralização cultural que houve a partir daquela data e que cada vez se acentua. Se fôssemos um Carlos Drumond, Mário de Andrade, um Vinícius de Moraes ou Aníbal Machado, nada nos alegraria mais do que nos saber lido lá pelos confins do Brasil, no Amapá.

Como aponta o relatório do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Amapá (PELLLB-Amapá), “‘Rumos’ não foi o nome cunhado apenas para a definição da revista, constituiu verdadeiro movimento cultural literário, referindo-se também à editora de iniciativa dos primeiros intelectuais, bem como um clube de arte, que englobava teatro, literatura e música”. A revista Rumos se tornaria editora e daria seu nome ao selo que lançaria a primeira antologia poética do Território Federal do Amapá, o livro *Modernos Poetas do Amapá*, publicado, conforme já informamos aqui, no ano de 1960.

A editora Rumos também publicaria o polêmico *Quem explorou quem no contrato do manganês do Amapá*, de Álvaro da Cunha (1962), e *Autogeografia*, importante livro de crônicas e poemas de Alcy Araújo, em 1965.

Modernos poetas do Amapá e a cidade

A antologia *Modernos Poetas do Amapá* foi lançada no ano de 1960. Essa obra é um marco na história literária local porque se configura como a primeira coletânea de escritos poéticos organizada durante o período em que o Amapá era Território Federal. No ano de seu lançamento, a cidade de Macapá não chegava a 30 mil habitantes, segundo o VII Censo Nacional do ano de 1960. Para efeito de comparação, a “população de Macapá, que em 1940 era de 2 mil habitantes, foi crescendo para 10 mil em 1950, 25 mil em 1960 e para os seus atuais [1964] 40 mil” (Lobato & Pirrot in 2017, p. 265). Atualmente, o município de Macapá já se aproxima de 500 mil habitantes (CENSO, 2022).

Em que pese a escassez de trabalhos críticos acerca da antologia *Modernos Poetas do Amapá*, é possível medir o impacto do lançamento dessa obra através da imprensa escrita nos

jornais. Em nível local, a notícia sobre a primeira antologia poética da literatura amapaense foi destaque na edição de 9 de outubro de 1960 do *Jornal Amapá* (principal veículo impresso de propaganda governamental, que se tornaria o *Diário Oficial do Estado*). O número de habitantes da cidade capital do Território Federal (25 mil) não constitui apenas uma informação atualizada de seus cidadãos ocupando aquele espaço, mas é, sobretudo, a confirmação de uma espécie de “modernização” de uma cidade que se preparara (ao menos no campo discursivo) para um crescimento desejado desde o governo de Janary Gentil Nunes, conforme se vê no Editorial intitulado “Macapá Moderna”, do mesmo *Jornal Amapá*, publicado em 13 de setembro de 1953, quando se cumpriam 10 anos criação do Território Federal do Amapá:

Uma cidade traçada geometricamente, com ruas e avenidas largas, mostrando fisionomia agradável e moderna. [...] Como sala de visita do Território, Macapá está sendo preparada sob a técnica e figurino modernos. [...] Tudo aqui dentro empolga a alma do povo e surpreende o visitante [...] já aparecendo aos olhos da atualidade como uma cidade nortista onde se instalou a civilização.

Como espécie de metonímia da modernidade, a cidade capital do Território Federal do Amapá enfim deveria se mostrar (pelo menos essa era a intenção) mais realizada que desejada (imaginada) enquanto uma forma que demonstrava o conteúdo discursivo engrandecedor da chamada Mística do Amapá [tese exposta na coletânea *Confiança no Amapá*, um conjunto de textos da lavra de Janary Nunes e de outros autores que procuravam “traduzir” o espírito amapaense e apontar a potencialidade desse território federal], que deveria ser agora mais real (a partir da nova década que se anunciava em 1960) do que o projeto imaginado pelo primeiro governador Janary Nunes.

Nesse contexto, Caldas & Souza (em artigo na revista *Letras Escreve* de 2018, p. 215) consideram que isso “significou a inserção da capital amapaense no contexto de uma *Belle Epoque*, mesmo que tardia em relação a outras capitais brasileiras”. De alguma forma, o texto que aparece no início de *Modernos poetas do Amapá* (espécie de apresentação da proposta da publicação e introdução dos escritores que assinam os poemas da antologia) aponta para um desejo de consolidação do produto cultural amapaense naquele período.

Essa primeira coletânea poética do Território Federal do Amapá deveria apresentar a súmula de

cultura e arte em dimensões auspiciosas. Porque se influi e flui sobre os dons e criações dos poetas amapaenses, o quadro regional, o sentimento da área, mesmo aqui eles se exclamam além-fronteira, sobre a circunscrição através da linde, e exercem, modernos, a dialética do tempo, sua vinculação ao movimento estético atual.

A pretensão moderna e modernizadora estava na origem desse grupo de escritores que terminaria por indicar os rumos da poesia no Amapá.

Sobre a recepção/impacto da obra *Modernos Poetas do Amapá*

A edição de 12 de julho de 1960 do *Jornal Amapá* registra a recepção que os escritores presentes na antologia *Modernos Poetas do Amapá* tiveram em Belém do Pará. Na ocasião, uma agenda oficial foi montada na livraria Don Quixote, na capital paraense, a fim de lançar a referida coletânea. Como representante do então governador do Território Federal do Amapá (Pauxy Nunes – irmão de Janary, o primeiro governador do Território), foi enviado Raul Monteiro Valdez (que seria governador do Amapá entre 1961 e 1962) a quem coube, oficialmente portanto, o discurso de lançamento do livro naquele evento em Belém.

Estiveram presentes na solenidade os poetas Álvaro da Cunha, Ivo Torres, Alcy Araújo e Aluizio da Cunha³ – fato que demonstra a importância da obra em si, já que os escritores “amapaenses” foram lançar a obra na capital paraense, lugar que acolhera o autor do poema “Macapá”, o médico e escritor amapaense Alexandre Vaz Tavares.

Alguns escritores paraenses também se fizeram presentes no lançamento de *Modernos Poetas do Amapá*, o que consolida a relevância do evento em torno da obra e, de alguma maneira, traduz a necessidade de uma espécie de “reconhecimento” estético e cultural a partir da capital paraense sobre a primeira antologia poética do Amapá como Território Federal e, portanto, desmembrado política e administrativamente do Pará.

Assim, os escritores paraenses (ou seja, aqueles que estão em Belém para receber os poetas amapaenses, na verdade, quase todos paraenses de nascimento, à exceção de Ivo Torres, que era carioca, como já indicamos aqui neste trabalho) naquela solenidade foram Georgenor Franco (representante da Academia Paraense de Letras, o que já indica um caráter de oficialidade academicista sobre a recepção aos “modernos poetas do Amapá”), Bruno de Menezes, Haroldo Maranhão, Max Martins, Rodrigues Pinagé. Todos eles com uma carreira literária sólida na história da literatura paraense.

Nesse sentido, o momento em que se lançava a referida antologia dos poetas amapaenses (1960) numa livraria de Belém e com a presença de importantes escritores paraenses, mesmo com o Território Federal do Amapá tendo sido criado há quase 17 anos

³ Dos poetas participantes da antologia, somente Arthur Nery Marinho não esteve presente no lançamento em Belém.

(1943), parece produzir um efeito de “benção” do centro cultural que era Belém em relação à condição periférica ainda representada pelo Amapá naquele contexto – movimento necessário, naquele momento, para a alvissareira novidade que foi a coletânea *Modernos Poetas do Amapá*.

Os poetas da Antologia

Para a escritora Alcinéa Cavalcante e outros, Alcy Araújo – que chega ao Amapá em 1953 na condição de assessor do governador Janary Nunes – é “um homem totalmente integrado ao seu tempo e que, mesmo insulado no extremo norte do Brasil, conseguiu superar as limitações e as restrições de também servir a governos autoritários e pôde fazer literatura das boas”. Além disso, ainda para Cavalcante, “a poesia de Alcy retratava a autoestima e a esperança do povo que habitava a ‘terra em formação na Latitude Zero’. Poderia também ser traduzida como uma paisagem do cotidiano”.

Álvaro da Cunha é um escritor que chega ao Amapá também a convite do governador Janary Nunes, assim como Alcy Araújo, para o qual o poema “Amapacanto” – de Álvaro da Cunha – “era o atlas poético do Território do Amapá”. Com essa afirmação, é possível concluir que havia – para além do movimento estético inaugurado pelo grupo que assina os textos de *Modernos Poetas do Amapá* – também um circuito interno de apreciações críticas envolvendo os referidos poetas da citada coletânea.

Como um dos principais poetas de sua geração, Álvaro da Cunha parece encarnar o ideal profético presente na Mística do Amapá. Nesse sentido, para Fernando Canto, Álvaro da Cunha “carrega inúmeras propostas desse vir a ser que seria o Amapá, a questão do minério, do manganês, a redenção do homem amazônico com uma proposta civilizatória diferente”.

Ainda na esteira do que aponta Canto, Alcinéa Cavalcante (2006) e outros consideram que a “poesia de Álvaro interpretou a esperança que o povo tinha de ver o recém criado território transformado numa das regiões mais progressistas do norte”. Aluizio da Cunha é o mais jovem dos poetas que compõem a antologia *Modernos Poetas do Amapá*, chegando a esse território federal em 1950.

Ivo Torres é um dos grandes promotores e incentivadores das artes no Amapá, o que se dá através de entidades como a Sociedade Artística de Macapá e o Clube de Arte Rumo – que se tornaria a editora pela qual sairia publicada a coletânea poética e posteriormente se

tornaria uma revista literária. Único escritor nascido fora do espaço geográfico da Amazônia, Ivo Torres é carioca (1931) e chega ao Amapá nas mesmas condições dos demais escritores da coletânea: vem assessorar o governador Janary Nunes.

Nesse contexto, “Foi Ivo quem conseguiu aglutinar os intelectuais amapaenses e levar a arte para a sociedade que se transformava no recém-criado Território Federal do Amapá” (Cavalcante, 2006). Entretanto, é possível perceber o desencanto de Ivo Torres quando o artista analisa – já retornado ao Rio de Janeiro – em texto publicado em 2006, o estado atual das artes no Amapá: “Ivo lamenta que o Amapá não tenha progredido tanto culturalmente como se previa no início do Território” (Cavalcante, 2006).

Dos cinco poetas da antologia aqui estudada, Ivo Torres foi o que mais contribuiu com os caracteres performáticos das artes no Amapá, promovendo um circuito de apresentações de artistas e escritores no âmbito de grupos como o Clube de Arte Rumo e a Sociedade Artística de Macapá, de onde surgiam variadas manifestações artísticas no seio da sociedade amapaense.

Considerações finais

Ao primeiro capítulo de *Literatura das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses*, Fernando Canto (2016) confere-lhe um interessante e intrigante título, chamando o referido capítulo de “O Zeitgeist amapaense”. Como sabemos, o Zeitgeist forjado pelo Romantismo alemão incorpora o famigerado “Espírito do Tempo”, ou seja, “traduzido” para o contexto local, pode configurar “o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época” (CANTO, 2016, p. 45), no caso, o contexto da emergência da literatura amapaense, a partir da década de meados dos anos 40, sobretudo, pautada na “Mística do Amapá”.

A publicação de *Modernos poetas do Amapá* (1960) parece se afinar à ideia dessa mística que, em última instância, apontaria o espaço amapaense como lugar da modernização urbana (Tostes & Weiser, 2018) e das novidades estéticas apresentadas pelos seus “modernos poetas”. Não é à toa que essa antologia vem a luz no mesmo ano da inauguração de Brasília, a nova capital federal, que demonstraria ao mundo o espírito libertário dos ideais, dos traçados e das concretizações de um planejamento em forma de avião (Lúcio Costa e Oscar Niemayer), que faria o Brasil decolar rumo ao futuro.

Na mesma medida, e com o mesmo desejo, os novos rumos apontados pelos Modernos poetas do Amapá deveriam fazer esse lugar tomar um posto de destaque nas artes nacionais, fazendo com que o Amapá cumprisse a sua “mística” tão desejada pelo primeiro governador do Território Federal.

Referências

CALDAS, Yurgel; SOUZA, Manoel A. de. O Jornal Amapá e a literatura amapaense: os anos entre 1945 e 1968. In: *Revista Letras Escreve*, Macapá, v. 8, n. 3, 2º sem., 2018.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997 (2 vols.).

CANTO, Fernando. *Literatura das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses*. Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2017.

CAVALCANTE, Alcinéia *et al.* Movimento Rumo e Modernos poetas do Amapá. In: <http://escritoresap.blogspot.com/2006/01/movimento-rumo-e-modernos-poetas-do.html> (2006).

LOBATO, Sidney. *A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social/Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Tese (Doutorado), 240f, 2013.

Modernos Poetas do Amapá. Macapá: Editora Rumos, 1960.

TOSTES, José Alberto; WEISER, Alice A. Macapá: a cidade modernista do período janarista de 1943 a 1955. In: *Revista Amazônia Moderna*, Palmas, v.1, n.2, p.34-53, out.-mar. 2018.